

Editorial

Apagão

*Prof. Dra. Leila Rosa dos Santos**

Numa noite de novembro fomos surpreendidos com um apagão que, segundo notícias exaustivamente veiculadas nos meios de comunicação, atingiram dezoito estados brasileiros.

Do acontecimento em si para todas as considerações, especulações, explicações e todas as “ções” possíveis, fomos sendo envolvidos nos dias seguintes. O assunto não acabou, mas a euforia do acontecimento, já. Parece até que não temos mais nada a ver com isso e que isso não nos atinge...

Pelo que se sabe até agora, o culpado foi um raio.

Quem é esse poderoso fenômeno da natureza capaz de interferir em tudo e, por tabela, em todos? Seria possível ter impedido sua descarga elétrica?

Poderia ocorrer um apagão na enfermagem também? Dou um salto estratosférico e passo para outra grande força da natureza; o cuidado humano.

Foco no cuidado humano da enfermagem. Com um pouco menos de pretensão, chego ao cuidado humano na formação dos humanos que cuidarão de outros humanos.

Que humanos são esses?

Respondo. Alunos de enfermagem. Muitos deles bem próximos a um apagão físico e emocional gerado por uma vida onde a palavra qualidade sequer cabe.

Optaram por voltar a estudar sem abrir mão de nada. Como sei? Converso e convivo com eles que, em sua grande maioria se mostram cansados,

sonolentos, com uma vontade grande de aprender, mas com um olhar congelado, buscando desesperadamente por uma fresta de compreensão, mas com uma expressão impermeável. Precisam deixar a sala de aula uma hora mais cedo porque têm (graças a Deus “um particular” para fazer) antes do próximo plantão, que os levará a chegarem uma hora atrasados às aulas do dia seguinte. Como heróis pagam seu curso e sustentam sua família.

Aguardam, enquanto lutam, pelo diploma, pelo emprego, pelo exercício de uma profissão pautada no ensino, pesquisa, gerência e assistência, todas abarcadas pelo cuidado.

Numa desigualdade cruel entre os colegas que têm o privilégio de vivenciarem situações confortavelmente opostas, estamos a curto e médio prazo programando um apagão no cuidado de enfermagem a partir do que temos deixado de fazer por nós mesmos.

Por que digo isso? Porque só a enfermagem é capaz de exercer esse cuidado profissional poderoso e essencial dentro das leis da natureza humana. Por isso, também pode estar sujeita a apagões.

Daí a necessidade de nos prepararmos para conhecer seus sinais. Por exemplo, aqueles segundos que antecedem o desastre do raio, em que se avistam relâmpagos e ouvem-se trovões (entendidos nas mais variadas formas, desde as grades curriculares elaboradas para agradar ao patrão, passando pela prática docente exercida com requintes de crueldade, dos TCCs comprados, do silêncio diante da aprovação do ato médico, dentre

**Enfermeira, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP)*

outros), já são considerados prenúncios de que devemos nos proteger com atitudes efetivas que evitem apagões pessoais e profissionais.

Daí cada um de nós é chamado à reflexão.

De minha parte, nesses 32 anos de enfermagem, sobrevivi a muitos desastres pessoais e profissionais, contando com Jesus, a Luz da Vida, família, alunos e clientes e amigos a quem chamo de anjos pára-raios.

Luz da vida para o que nos alimenta a alma e luz do conhecimento para o que nos capacita a exercer uma profissão sólida à prova de trovões e trovoadas.

Portanto, na leitura de mais esse número da Enfermagem Brasil, desejo a todos nós ótimos ventos de um aprendizado iluminado.